

Lógica e história: textos e comentários

PEDRO LEÃO DA COSTA NETO*

O objetivo principal destas notas é destacar, por meio de uma resenha bibliográfica, a importância de uma passagem dos *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie* para a problematização de diferentes aspectos da teoria marxista, notadamente a relação entre filosofia e história, entre os modos de produção capitalista e pré-capitalistas, bem como avaliar as consequências teóricas do projeto de crítica da economia política. Referimo-nos à passagem que antecede o célebre fragmento sobre as “Formas de produção pré-capitalistas” (*Formen, die der kapitalistischen Produktion vorhergehen*), que faz parte da segunda seção, “O processo de circulação do capital” do capítulo III, “Do capital”, e ocupa no manuscrito de Marx as páginas 40-50 do Caderno IV (Marx, 1953, p.351-374; 1976, p.357-378; 2011, p.367-387).¹

* Professor da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: zhoras@terra.com.br.

1 Para facilitar a localização das referências, reproduzimos aqui, além da tradução brasileira (2011), as páginas de duas diferentes obras de referência: a da reedição fotomecânica da primeira edição realizada pela Dietz Verlag (1953), que serviu de base para a tradução espanhola de Pedro Scaron, e a da edição da Mega1 (1976) utilizada para a tradução brasileira. Incluímos, igualmente, as subdivisões temáticas do texto que foram introduzidas pelos organizadores da primeira edição: [O capital, ao sair do processo de produção, torna-se novamente dinheiro] (Marx, 1953, p.351-354; 1976, p.357-360; 2011, p.367-370); [O trabalho excedente ou a mais-valia se transforma em capital excedente. Todas as condições da produção capitalista se apresentam agora como resultado do próprio trabalho (assalariado). O processo de realização do trabalho é ao mesmo tempo o seu processo de desrealização] (Marx, 1953, p.354-359; 1976, p.360-366; 2011, p.370-375); [Formação do capital excedente I – Capital excedente II – Inversão do direito de apropriação – Resultado fundamental do processo de produção e de valorização: a reprodução e a nova produção da relação

Enzo Grillo encerra a apresentação de *Lineamenti fondamentali della critica dell'economia Politica* citando um comentário de Eric Hobsbawm a respeito dos escritos de Marx lá reunidos: trata-se de uma “espécie de estenografia intelectual privada que é às vezes impenetrável” (Grillo, 1968, p.XV). Hobsbawm referiu-se aos *Grundrisse* em seu conjunto. Parece-nos, sobretudo, que as dificuldades de compreensão e de tradução são desiguais, mas quando um estudioso do marxismo faz tal ressalva, cumpre levá-la a sério. Nunca será demais repetir que, por mais preciosos que eles sejam, os textos que Marx não pensou em publicar devem ser lidos como tais, isto é, como anotações e subsídios inconclusos. O mais importante, entretanto, é que, mesmo inconclusos, eles iluminam questões decisivas do materialismo histórico.

Nestas anotações faremos, em um primeiro momento, uma breve introdução sobre a história da edição dos *Grundrisse* para, em seguida, apresentar alguns de seus comentadores e chamar a atenção para a decisiva importância do texto em exame, com o intuito de compreender algumas articulações decisivas da obra de Marx.

Introdução

Os *Grundrisse* contêm um conjunto de manuscritos redigidos por Marx entre agosto de 1857 e junho de 1858, que constituem a primeira tentativa de sistematização de seu projeto de crítica da economia política, retomado em 1850 após a derrota da revolução alemã de 1848 e desenvolvido ao longo de uma assídua frequência à biblioteca do British Museum.

Esses manuscritos foram escritos no interior da conjuntura de crise econômica dos anos de 1857-1858 – “a primeira crise econômica mundial”, que Marx acompanhou de perto a partir de um minucioso trabalho de recorte de jornais, excertos, notas e elaboração de tabelas –, uma “investigação empírica em larga escala” (Krätke, 2015b, p.274)² e de uma série de artigos enviados para o jornal norte-americano *New York Daily Tribune*.³ Ele e Engels depositavam uma grande

entre o capital e o próprio trabalho, entre o capitalista e o operário] (Marx, 1953, p.360-362; 1976, p.366-367; 2011, p.375-377); [*Acumulação primitiva do capital*. (A acumulação real). O capital, uma vez desenvolvido historicamente, cria as próprias condições de existência (não como condições de seu surgimento, mas como resultado de sua existência). (Prestações pessoais de serviço (em oposição ao trabalho assalariado)) – Inversão da lei de apropriação. Real estranhamento do operário em relação ao seu produto. Divisão do trabalho. As máquinas etc.] (Marx, 1953, p.363-374; 1976, p.367-378; 2011, p.377-387).

2 O conteúdo dos “Cadernos de crise de 1857-1858” totaliza mais de quinhentas páginas impressas, publicado em 2017 pela Mega2 no volume 14 da Seção IV: Notas e excertos com o título: *Exzerpte, Zeitungsausschnitte und Notizen zur Weltwirtschaftskrise (Krisenhefte)*. November 1857 bis Februar 1858 (*Weltwirtschaftskrise von 1857*), consultar: Krätke (2015b, p.273-281) e Sperl (2016, p.90-94).

3 Para referências mais detalhadas sobre este trabalho de Marx como jornalista econômico, consultar Krätke (2015a, p.263-272).

esperança de um desenlace revolucionário dessa crise. É o próprio Marx quem indica a estreita relação entre a sua reflexão teórica e o momento histórico no qual esses manuscritos foram pensados. Em duas cartas, que aliás deram origem ao nome dado pelos seus organizadores, Marx sublinha esses aspectos. Naquela endereçada a Engels em 8 de dezembro de 1857, ele observa: “Eu trabalho como um louco por noites inteiras para coordenar meus trabalhos de economia, para antes do *déluge* clarificar ao menos as questões fundamentais (*Grundrisse*)” (Marx e Engels, 1972, p.267-268; MEW XIX, p.225). Em carta de 21 de dezembro, escreveu a Lassale: “A crise comercial atual levou-me a me dedicar seriamente à redação dos meus fundamentos da economia política (*Grundzüge der Ökonomie*), ao mesmo tempo que preparo alguma coisa sobre a crise presente” (Marx e Engels, 1972, p.648; MEW XIX, p.548).⁴

Outro importante aspecto para o estudo dos *Grundrisse*, esse de natureza metodológica, foi o presente que Marx recebeu de Freiligrath: alguns tomos de Hegel que antes tinham pertencido a Bakunin. Em sua carta a Engels, provavelmente de 16 de janeiro de 1858, ele afirma: “No tocante ao *método* de elaboração do material, me foi de grande utilidade o fato de *by mere accident*, ter novamente folheado a *Lógica* de Hegel” (Marx e Engels, 1972, p.309; MEW XIX, p.260).⁵ Porém, como observa acertadamente Michel Krätke, esses dois aspectos, a leitura da *Ciência da lógica* e o trabalho de acompanhamento empírico sobre a crise, não devem ser vistos de forma separada (Krätke, 2015b, p.274).

Como sabemos, após sua redação, os manuscritos permaneceram esquecidos e inéditos em sua quase totalidade, até o final da década de 1930.⁶ Após a transmissão do legado literário de Marx e Engels para o Partido Socialista Alemão (SPD), foram publicados apenas dois fragmentos, por Karl Kautsky, no *Die Neue Zeit*. O primeiro em 1903, sob o nome de “Einleitung zu einer kritik der politischen

4 Sobre a escolha do título dos manuscritos, consultar o “Prefácio” à primeira edição alemã de 1939, reproduzido na tradução espanhola de Pedro Scaron (Marx, 1980a, p.XLIX).

5 Importantes, do ponto de vista metodológico, são outros dois testemunhos retirados da sua correspondência. O primeiro é de uma carta a Engels de 1^a de fevereiro de 1858, na qual, em uma referência à obra de Lassale sobre Heráclito, observa: “Vejo [...] que o sujeito pretende em sua segunda grande obra apresentar a economia política de maneira hegeliana. Mas aqui acabará descobrindo a contragosto que uma coisa é levar a ciência, mediante a crítica, ao ponto que possa expô-la dialeticamente, e outra, totalmente diferente, é tendo apenas uma ideia geral daquele sistema – aplicar a ele um sistema lógico abstrato e pronto” (Marx e Engels, 1972, p.324-325; MEW XIX, p.275). O segundo é da carta de 22 de fevereiro de 1858, ao próprio Lassale, na qual afirma: “O escrito no qual estou trabalhando agora é uma crítica das categorias econômicas ou, *if you like*, a exposição crítica do sistema da economia burguesa. Ele é, ao mesmo tempo, a exposição do sistema, e através da sua exposição, sua crítica” (Marx e Engels, 1972, p.651; MEW XIX, p.550. Salvo indicação em contrário, os itálicos são de autoria dos autores das obras citadas).

6 Para maiores informações sobre a publicação e difusão dos *Grundrisse*, consultar a coletânea de textos organizada por Marcello Musto (2015), *I Grundrisse di Karl Marx lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica 150 anni dopo*, que reúne um conjunto de contribuições sobre a redação, a publicação, a difusão e, também, comentários sobre a obra. Consultar, do mesmo Musto, o artigo publicado pela *Crítica Marxista* (Musto, 2009).

ökonomie” – a célebre “Introdução à crítica da economia política”⁷ –, e o segundo em 1904, “Bastiat e Carey”.

Entretanto, a história da publicação definitiva dos *Grundrisse* se inicia somente após a vitória da Revolução Russa. David Riazanov em sua “Comunicação sobre o legado literário de Marx e Engels”, do início dos anos 1920, depois de descrever os manuscritos econômicos de Marx que Engels organizou para publicação dos Livros II e III do *Capital* e os que Kautsky utilizou para a sua edição das *Teorias da mais-valia*, faz a seguinte observação sobre alguns cadernos que encontrou em suas pesquisas nos arquivos do SPD:

Aliás, alguns manuscritos escaparam da atenção de Engels. Mas é difícil afirmar se ele os conhecia ou não. De qualquer maneira, eu encontrei nos papéis de Marx outros oito cadernos com trabalhos econômicos. Em um desses cadernos, encontra-se uma nota interessante de Marx: o índice desses oito cadernos. Esses manuscritos datam do fim dos anos 1850 e constituem efetivamente o primeiro esboço da obra econômica de Marx que, naquela época, não tinha ainda um título bem definido. Uma parte desses manuscritos constitui o esboço da *Contribuição à crítica da economia política* (1859). É em um desses cadernos que Kautsky encontrou a *Introdução geral da contribuição à crítica da economia política*. (Riazanov, 1968, p.263)

A descoberta e o traslado de fotocópias dos manuscritos econômicos para Moscou permitiram, por um lado, o início dos trabalhos de catalogação no Instituto Marx-Engels de Moscou, assim como, a partir de 1925, a continuação desses trabalhos e o início por Pavel Veller (1903-1941) das atividades de “decifrar, ordenar e elaborar os excertos e manuscritos econômicos de Marx” (Hecker, 2010, p.53).⁸ O longo, tortuoso e acidentado trabalho sobre os *Manuscritos de 1857-1858*,⁹ realizado em uma conturbada conjuntura política marcada por diferentes expurgos (Hecker, 2010, p.53-59), culmina, enfim, com a edição em Moscou pela Verlag für Fremdsprachige Literatur de dois volumes: o primeiro publicado em 1939

7 Kautsky incluirá em 1907 a “Introdução” como anexo a uma nova edição da *Contribuição à crítica da economia política*. Ele será também incorporado, como anexo, por Laura Lafargue em 1909, em sua tradução da *Contribuição* (Tosel, 2015, p.351). Essa iniciativa se repetirá, outra vez, na edição de Berlim Oriental em 1947 e sucessivamente se tornará uma prática consolidada, contribuindo de forma expressiva para a sua grande difusão posterior (Mohl, 2015, p.298).

8 Sobre esses importantes trabalhos de catalogação realizados por Pavel Veller, Ljudmila Vasina (2015, p.319) observou que “(Pavel Veller) ordenou de modo sistemático a herança ‘econômica’ de Marx e compilou um elenco detalhado no interior do chamado [...] Catálogo dos manuscritos econômicos, ainda hoje utilizados. Veller indicou os sete cadernos dos *Grundrisse* com a denominação de ‘Série breve’ para distinguir da ‘Série longa’, ou seja, os 23 cadernos que reúnem os manuscritos dos anos 1861-1863”. Sobre essas atividades de Veller, cf. também Hecker (2010, p.52ss.).

9 Segundo Hecker (2010, p.56-57), os manuscritos originais dos *Grundrisse* foram adquiridos em 1936 pelo instituto, junto ao polonês Marek Kriger, que tinha trabalhado no Arquivo do SPD. Informações idênticas são reproduzidas em Mohl (2015, p.297) e Vasina (2015, p.320).

(p.1-764), e o segundo (que reunia anexos e índices)¹⁰ em 1941, só alguns dias depois do início da Grande Guerra Patriótica, o que determinará a sua escassa ou quase nenhuma difusão naquele momento (Vasina, 2015, p.323).

Roman Rosdolsky evocou sua “sorte de manusear” numa biblioteca de Nova York, em 1948, um dos então raríssimos exemplares dos *Grundrisse* de Karl Marx (Rosdolsky, 2001, p.15). Entretanto, foi apenas depois da reimpressão fotomecânica, com 30 mil exemplares, pela Dietz Verlag de Berlim, em 1953 (por ocasião dos 135 anos do nascimento e 70 anos da morte de Marx), que os *Manuscritos de 1857-1858* encontraram uma difusão internacional definitiva e que a edição de 1953 passou a ser considerada edição *princeps* da obra¹¹ (Hobsbawm, 2015, p.13; Mohl, 2015, p.299).

Outra particularidade que influenciou a(s) recepção(ões) da obra foi a publicação de modo independente e em amplas tiragens, muitas vezes antecedendo a publicação dos próprios *Grundrisse*, da “Introdução” de 1857, do fragmento “Formações econômicas pré-capitalistas” (*Formen*) e, em menores tiragens e intensidade, mas igualmente importante, do fragmento sobre as máquinas.¹²

Estudo bibliográfico

O objeto principal das anotações que seguem é oferecer uma resenha bibliográfica básica sobre a passagem dos *Grundrisse* intitulada “O processo de circulação do capital” do capítulo III, “Do capital”, à qual já nos referimos nas primeiras linhas destas anotações. Ela parece ter atraído o interesse de poucos investigadores marxistas entre nós.¹³

10 Na tradução espanhola da Siglo XXI, o de 1939 corresponde aos volumes 1 e 2, e o de 1941, ao volume 3.

11 Uma edição de referência posterior é a da Mega2 publicada em 1976/1981, na qual está baseada a tradução brasileira.

12 Tanto a edição de 1939-1941 é antecedida pela publicação de duas traduções russas das *Formen*, com 50 mil exemplares cada uma (Vasina, 2015, p.321), como também a reprodução de 1953 dos *Grundrisse* pela Dietz Verlag foi igualmente precedida da publicação das *Formen* em 1952 na coleção “Kleine Bücherei des Marxismus-Leninismus” (Mohl, 2015, p.300). Conforme já mencionamos, outro fragmento que encontrou grande difusão e desempenhou relevante papel nas discussões no interior do marxismo, a *Introdução à crítica da economia política*, é um texto decisivo de Marx sobre o método. Antonio Negri, em diferentes momentos de seu conhecido e polêmico comentário aos *Grundrisse*, destaca acertadamente a importância de não interpretarmos nem a *Introdução* nem as *Formen* de modo autônomo e dissociado do conjunto dos *Manuscritos de 1857-1858* (Negri, 1979, p.52, p.117, p.121). André Tosel também assinala esse problema na recepção dos *Grundrisse* na França: “Se a *Introdução* foi separada das outras partes dos *Grundrisse*, análogo processo de autonomização do texto foi reservado ao fragmento das *Formas de produção pré-capitalistas*.” (Tosel, 2015, p.352) Por fim, o artigo de Aurelio Macchioro (1991, p.129-157) sobre a recepção dos *Grundrisse* na Itália nos oferece uma análise das diferentes leituras autônomas e de seus diferentes usos, em particular das *Formen* e do “Fragmento sobre as máquinas”.

13 Sobre a recepção dos *Grundrisse* no Brasil, consultar os artigos de José Paulo Netto (2015, p.431-434) e Ester Vaisman (2010), este reproduzido na coletânea organizada por João Antônio de Paula (2010). Sobre as *Formen*, consultar o artigo de João Quartim de Moraes publicado na *Crítica Marxista* (1995, p.107-128).

Já no início dos anos 1960, o filósofo tcheco Jindřich Zelený, em *A estrutura lógica de O Capital de Marx*, destacava a importância dessa passagem. Segundo ele, Marx formulou ideias decisivas para uma problematização da relação entre o lógico e o histórico. Zelený mostra que Marx diferencia dois momentos do circuito do capital. No primeiro, os pressupostos do capital “pertenceriam à história da sua criação”, enquanto no segundo seriam resultado do seu próprio movimento; ele mesmo criaria as “condições e os pressupostos da sua própria existência (Zelený, 1974, p.62; 1982, p.56-57). Ele ressalta a distinção entre “o capital em processo de formação” (*werdend*) e “o capital já formado” (*geworden*)¹⁴ (Zelený, 1974, p.61ss., p.68ss., p.103ss.; 1982, p.56ss.)¹⁵ e, citando uma passagem de Marx, sublinha as consequências teórico-metodológicas dessas distinções.¹⁶ Por fim, enfatiza a relevância da passagem para uma análise teórica dos conceitos de causa, condição, pressuposto e para a elaboração de uma crítica ao conceito de causa concebido de forma puramente mecânica (Zelený, 1974, p.119-122).

14 A tradução de *werdend* e *geworden* parece oferecer algumas dificuldades; exemplo disso são as diferentes opções utilizadas nas línguas latinas, em que são traduzidos ora por derivados do verbo *dever*, em italiano: *capitale diveniente* e *capitale divenuto* (Roberto Fineschi), ou em francês: *capital en devenir* e *capital devenu* (Jean-Pierre Lefebvre). Mario Duyaer recorre na tradução brasileira a diferentes expressões, que remetem a derivados do verbo *dever*: “devém”, “capital em processo de *dever*”, “movimento nascente” e “capital devindo”, “relação que deveio”, “valor que deveio”. Outros tradutores optam pelas seguintes expressões: *capitale in formazione*, *capitale ormai costituito* (Enzo Grillo e Giorgio Backhaus) e *movimiento naciente*, *capital en formación* e *ha llegado a ser*, *el haber llegado a ser*, *capital formado* (Pedro Scaron).

15 “A fuga dos servos para as cidades, por exemplo, se é uma das condições e dos pressupostos *históricos* do sistema urbano, não é uma *condição*, não é um momento da efetividade do sistema urbano desenvolvido, mas pertence aos seus pressupostos *passados*, aos pressupostos do seu *dever* que são abolidos em sua existência. As condições e os pressupostos do *dever*, da *gênese* do capital, supõem precisamente que ele ainda não é, mas só *devém*; logo, desaparecem com o capital efetivo, com o próprio capital que, partindo de sua efetividade, põe as condições de sua efetivação. [...] Por isso, as condições que precediam a criação do capital excedente I, ou que expressam o *dever* do capital, não pertencem à esfera do modo de produção ao qual o capital serve de pressuposto; situam-se por detrás dele como etapas históricas preparatórias de seu *dever*, da mesma maneira que os processos pelos quais passou a Terra, de um mar líquido de fogo e vapor à sua forma atual, situam-se além de sua vida como Terra já acabada” (Marx, 1953, p.363-364; 1976, p.368; 2011, p.377-378).

16 “[...] O nosso método indica os pontos em que a análise histórica tem de ser introduzida, ou em que a economia burguesa, como simples figura histórica do processo de produção, aponta para além de si mesma, para modos de produção anteriores. Por essa razão, para desenvolver as leis da economia burguesa não é necessário escrever a *história efetiva das relações de produção*. Mas a sua correta observação e dedução, como relações elas próprias que se tornaram históricas, levam sempre a primeiras equações – como os números empíricos, por exemplo, nas ciências naturais – que apontam para um passado situado detrás desse sistema. Tais indicações, juntamente com a correta apreensão do presente, fornecem igualmente a chave para a compreensão do passado – um trabalho à parte, que esperamos também poder abordar. Por outro lado, esse exame correto também leva a pontos nos quais se delinea a superação da presente configuração das relações de produção – e, assim, o movimento nascente, a prefiguração do futuro. Se de um lado as fases pré-burguesas aparecem como *simplesmente históricas*, i.e., como pressupostos superados, de outro as condições atuais da produção aparecem *abolindo a si mesmas* e pondo-se, conseqüentemente, como *pressupostos históricos* para um novo estado de sociedade” (Marx, 1953, p.364-365; 1976, p.369; 2011, p.378-379).

Ao comentário do texto em questão, Roman Rosdolsky dedica dois capítulos do seu livro já citado, o 19 (“O processo de reprodução e a inversão da lei da apropriação”)¹⁷, e o 20 (“A acumulação primitiva e a acumulação de capitais”). Primeiramente, como Zelený, ele analisa as transformações ocorridas com a passagem do processo de produção do capital excedente I – com seus pressupostos externos originários de uma acumulação primitiva – para o processo de produção do capital excedente II, com seus pressupostos internos postos por si mesmos, característico da produção capitalista (Rosdolsky, 2001, p.217-219). O marxista ucraniano frisa, da mesma maneira, a importância em distinguir o “capital em devir”, “em processo de transformar-se em capital” (*werdend*) e “o capital pronto e acabado” (*geworden*): “Estando historicamente desenvolvido, o capital engendra suas condições de existência, não como condições de sua gênese, mas como resultado de sua existência” (Rosdolsky, 2001, p.220). A essas transformações está associada a “separação absoluta entre propriedade e trabalho, inscrita na essência das relações capitalistas” (Ibid., p.219).

Outra questão de extrema importância é a da inversão dialética do direito de propriedade em direito de apropriar-se do fruto do trabalho alheio, que ocorre como consequência da passagem do capital excedente I ao capital excedente II (Rosdolsky, 2001, p.220ss.).¹⁸ Aparece aqui “com clareza a diferença fundamental entre a concepção marxiana do capital e a de seus predecessores” (Rosdolsky, 2001, p.221). O problema da separação do trabalhador das condições objetivas de efetivação é analisado detalhadamente no capítulo 20, um dos temas do fragmento *Formen* (Rosdolsky, 2001, p.224ss.). Por fim, outra questão que reaparece aqui, como em outras diferentes partes do livro de Rosdolsky, é a da relação entre os *Grundrisse* e a filosofia de Hegel.¹⁹

17 Neste capítulo, Rosdolsky analisa duas partes da passagem dos *Grundrisse* (Marx, 1953, p.354-362; 1976, p.360-367; 2011, p.370-377) que, em *O capital*, correspondem aos capítulos XXI (Reprodução simples) e ao primeiro parágrafo do capítulo XXII (Transformação da mais-valia em capital 1. A reprodução ampliada. Transmutação do direito de propriedade da produção mercantil em direito de propriedade capitalista) (Rosdolsky, 2001, p.217).

18 “Na medida em que a relação do capital excedente II com o capital excedente I resulta, portanto, dessa primeira relação, vemos que, por uma estranha consequência, o direito de propriedade de parte do capital converte-se dialeticamente no direito sobre o produto alheio ou no direito de propriedade sobre o trabalho alheio, o direito de se apropriar de trabalho alheio sem equivalente [...]. O direito de propriedade aparecia originalmente fundado no próprio trabalho. Agora, a propriedade aparece como direito sobre trabalho alheio e como impossibilidade do trabalhador de se apropriar do próprio produto. A separação completa entre propriedade e trabalho, e, mais ainda, entre riqueza e trabalho, aparece agora como consequência da lei que partiu de sua identidade” (Marx, 1953, p.361-362; 1976, p.366-367; 2011, p.376-377).

19 “Considerado do ponto de vista do trabalho, o trabalho vivo aparece funcionando no processo de produção de tal modo que afasta de si sua realização nas condições objetivas como realidade alheia e, por conseguinte, põe a si mesmo como mera capacidade de trabalho carente e privada de substância diante dessa realidade estranhada, que não pertence a ele, mas a outro; que põe sua própria realidade não como um ser para si, mas como mero ser para outro e também, portanto, como mero ser-outro, ou ser do outro contra si mesmo. Esse processo de realização é igualmente o processo de desrealização do trabalho. O trabalho põe-se objetivamente, mas põe essa sua

Em meados dessa mesma década de 1960, José Arthur Giannotti, no capítulo IV (“Novas perspectivas”) de seu livro *Origens da dialética do trabalho*, se ocupa dessa passagem. Primeiramente, parece estar preocupado em retirar algumas indicações metodológicas para pensar o desenvolvimento da obra de Marx, da relação entre o sistema acabado, objeto acabado (teórico de Marx) e suas obras anteriores (Giannotti, 1966, p.181). Preocupa-se, também, com os aspectos lógicos e históricos da obra de Marx, e se refere, como Zelený e Rosdolsky, a “duas ordens de determinação: a que diz respeito à *essência* do fenômeno em qualquer de suas manifestações históricas e a que concerne ao seu devir” (Giannotti, 1966, p.193-194). Na sequência, fazendo referência à passagem já citada na nota 16, se ocupa da distinção entre *história da formação* e *história contemporânea* (Giannotti, 1966, p.194).²⁰

Em sua resenha ao livro de Giannotti, João Quartim de Moraes dedica um largo espaço para uma discussão das questões associadas à “explicação estrutural do funcionamento do sistema” e ao “estudo, propriamente histórico, do vir-a-ser do sistema” (Quartim de Moraes, 1967, p.95). Da mesma forma, ele destaca a importância que a questão da “reposição dos pressupostos” ocupa na reflexão de Giannotti (Quartim de Moraes, 1967, p.96ss.), ou seja, a questão do “pressuposto-posto”.

Por sua vez, Antonio Negri (1979), em sua leitura dos *Grundrisse*, na qual concebe a dialética como uma “lógica do antagonismo” e contrapõe o subjetivismo dos *Grundrisse* ao subjetivismo de *O capital*, dedica pouco lugar ao conjunto da referida passagem, com exceção de uma digressão que bem expressa sua “leitura catastrofista” dos *Grundrisse*:

A negação se faz *insurreição revolucionária*, consciência da derrocada (*rovesciamento*): “Reconhecer os produtos como seus próprios produtos e julgar a separação das condições de sua efetivação como algo impróprio e imposto à força – isto é, uma consciência formidável, produto ela própria do modo de produção fundado no capital, e o dobre de finados desse modo de produção, da mesma maneira que, com a consciência do escravo de que ele *não pode ser a propriedade de um terceiro*, com a

objetividade como seu próprio não ser ou como o ser do seu não ser – do capital” (Marx, 1953, p.357-358; 1976, p.363; 2011, p.373).

- 20 Giannotti reproduz a mesma citação da nota 16, acrescentando ainda uma passagem que a antecede: “[...] Tão logo tenham desaparecido os pressupostos do dinheiro transformando-se em capital, que ainda estão situados fora do movimento do capital *efetivo*, e o capital, por isso, tenha posto de fato as próprias condições, imanentes à sua essência, das quais ele parte na produção – a condição segundo a qual o capitalista, para se pôr como capital, tem de trazer para a circulação valores criados pelo trabalho próprio ou de alguma outra maneira –, mas não pelos valores criados por trabalho assalariado passado, já existente – pertence às condições antediluvianas do capital; pertence a seus *pressupostos históricos*, que, justamente nessa qualidade de pressupostos *históricos*, são passados e, por isso, fazem parte da *história de sua formação*, mas de maneira nenhuma da sua *história contemporânea*, i.e., não fazem parte do sistema efetivo do modo de produção dominado por ele” (Marx, 1953, p.363; 1976, p.367-368; 2011, p.377).

sua consciência como pessoa, a escravidão só pode continuar vegetando em uma existência artificial e deixou de poder continuar como base da produção” (Marx, 1953, p.366-367; 1976, p.371; 2011, p.380). Nesse ponto, a lei fundamental da crise é completamente desenvolvida em lei da luta de classes. (Negri, 1979, p.107)

Enrique Dussel, no capítulo 11, “Realização do capital”, de seus comentários de 1985 aos *Grundrisse* (Dussel, 1998, p.212-224), igualmente nos oferece um detalhado comentário, que acompanha a subdivisão em capítulos da Dietz Verlag. Com um particular interesse pelas ressonâncias filosóficas do texto,²¹ dá ênfase a um conjunto de pontos que já foram mencionados, analisando, notadamente, as distinções entre o capital excedente I e o capital excedente II e seus diferentes pressupostos, a separação absoluta entre trabalho e propriedade e a inversão na lei de apropriação.

Por fim, cabe aqui fazer referência a dois filósofos marxistas italianos, Roberto Finelli e Roberto Fineschi, que retomaram essa passagem e atribuíram a ela uma especial relevância em suas análises. O primeiro talvez seja o teórico marxista que maior importância atribuiu às implicações teóricas do que ele nomeou “círculo pressuposto-posto”:

É de fato, na minha opinião, o paradigma do *pressuposto-posto* que para o Marx da maturidade, a partir dos *Grundrisse* até o Livro I de *O capital* (passando por numerosíssimas páginas do *Manuscrito 1861-1863*), identifica e sintetiza a essência da sociedade moderna, caracterizada pela produção do capital. (Finelli, 2014, p.42)

Desde o seu livro de 1987, *Astrazione e dialettica dal romanticismo al capitalismo: saggio su Marx* (Finelli, 1987), até *Un parricidio compiuto: Il confronto di Marx con Hegel* (Finelli, 2014), Finelli não cessa de desenvolver essa temática, que ele julga decisiva para a compreensão da obra de Marx. Nesta sua última obra, se referindo ao dito círculo, chega mesmo a afirmar que esse procedimento é não só característico da obra madura de Marx, mas, igualmente, próprio da linhagem filosófica Leibniz-Fichte-Hegel-Marx (Finelli, 2014, p.213-214).²²

Por fim, Roberto Fineschi também chama a atenção em seus escritos sobre a importância da relação entre “pressuposto” e “pressuposto-posto” e dos conceitos de *capitale diveniente* (*werdend*) e *capitale divenuto* (*geworden*) para a compreensão da estrutura conceitual da obra do Marx da maturidade, e para repensar a relação entre Marx e Hegel (Fineschi, 2001, p.197-200; 2006, p.158-162).

21 Já em sua introdução, Dussel destacava esta sua preocupação: “Desde 1857, Marx começa a ter pleno domínio de uma *ontologia da economia*. [...] A problemática ontológica é o horizonte no qual se movem as categorias, desde cujo horizonte se *constituem* e se *ordenam*” (Dussel, 1998, p.20).

22 Para uma exposição da concepção de Finelli, consultar o livro de Cristina Corradi, *Storia dei Marxismi in Italia* (Corradi, 2005, p.369-413)

Considerações finais

Nosso objetivo era frisar a relevância de uma passagem da obra de Marx, que, salvo engano, continua, entre nós, em situação semelhante àquela apontada meio século atrás por Giannotti em *Origens da dialética do trabalho*: “[...] fomos obrigados a salientar um dos aspectos do marxismo descurado até mesmo pelos melhores autores” (Giannotti, 1966, p.238).

Dentre as questões examinadas nestas anotações, assinalamos: o “pressuposto-posto” e os conceitos de “em processo de formação” (*werdend*) e “já formado” (*geworden*) para pensar a relação entre o lógico e o histórico e entre o modo de produção capitalista e as formações sociais pré-capitalistas. Assinalamos, da mesma forma, suas implicações para a crítica do pensamento econômico anterior a Marx e a “inversão da lei da apropriação”, assim como para pensar questões teóricas mais gerais, tais como a crítica às limitações de uma compreensão puramente mecânica do conceito de causa e o estudo de uma obra (no caso de Marx) a partir da relação entre seu sistema acabado da maturidade e sua obra anterior.

Referências bibliográficas

- CORRADI, Cristina. *Storia dei Marxismi in Italia*. Roma: Manifestolibri, 2005.
- DUSSEL, Enrique. *La producción teórica de Marx*. Un comentario a los Grundrisse. 3.ed. Cidade do México: Siglo XXI, 1998. [Ed. bras.: *A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.]
- ENGELS, Friedrich. Anteil der Arbeit an der Menschwerdung des Affes. *Marx/Engels Ausgewählte Werke, Band V*. Berlim: Dietz Verlag, 1978.
- FINELLI, Roberto. *Astrazione e dialettica dal romanticismo al capitalismo*. Saggio su Marx. Roma: Bulzoni, 1987.
- _____. *Un parricidio compiuto: il confronto di Marx con Hegel*. Milão: Jaca Book, 2014.
- FINESCHI, Roberto. *Ripartire da Marx*. Processo storico ed economia politica nella teoria del capitale. Nápoles: La Città del Sole, 2001.
- _____. *Marx e Hegel*. Contributi a uma riletura. Roma: Carocci, 2006.
- GIANNOTTI, José Arthur. *Origens da dialética do trabalho*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.
- GRILLO, Enzo. Apresentação de *Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica*, com tradução. Florença: La Nuova Italia, 1968. v.1.
- HECKER, Rolf. A história desconhecida da primeira publicação dos Grundrisse sob o stalinismo. In: PAULA, João Antonio de. *O ensaio geral: Marx e a crítica da economia política (1857-1858)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.51-59.
- HOBBSAWM, Eric J. Prefazione. In: MUSTO, Marcello (org.). *I Grundrisse di Karl Marx*. Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica 150 anni dopo. Pisa: Edizioni ETS, 2015.
- KRÄTKE, Michael R. La prima crisi economica globale: Marx giornalista economico. In: MUSTO, Marcello (org.). *I Grundrisse di Karl Marx*. Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica 150 anni dopo. Pisa: Edizioni ETS, 2015a. p.263-272.

- KRÄTKE, Michael R. I quaderni della crisi di Marx (1857-58). In: MUSTO, Marcello (org.). *I Grundrisse di Karl Marx*. Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica 150 anni dopo. Pisa: Edizioni ETS, 2015b. p.273-281.
- MACCHIORO, Aurélio. La questione del soggettivismo e dell'uso dei Grundrisse in Italia. In: *Il momento attuale*. Saggi etico-politici. Padova: Il Poligrafo, 1991. p.129-157.
- MARX, Karl. *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*. Berlin: Dietz Verlag, 1953.
- _____. *Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica*. Firenze: La Nuova Italia, 1968. v.1.
- _____. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (Grundrisse) 1857-1858*. Madrid: Siglo XXI, 1976. v.3.
- _____. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (Grundrisse) 1857-1858*. Madrid: Siglo XXI, 1980a. v.1.
- _____. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (Grundrisse) 1857-1858*. Madrid: Siglo XXI, 1980b. v.2.
- _____. *Grundrisse*. Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Dziela*. Varsóvia: Książka i Wiedza, 1972. v.XXIX.
- MOHL, Ernst Theodor. Diffusione e recezione dei Grundrisse nel mondo Germania, Austria e Svizzera. In: MUSTO, Marcello (org.). *I Grundrisse di Karl Marx*. Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica 150 anni dopo. Pisa: Edizioni ETS, 2015. p.297-318.
- MUSTO, Marcello. Difusão e recepção dos Grundrisse no mundo. Uma contribuição para a história do marxismo. *Crítica Marxista*, São Paulo, Editora Unesp, n.28, p.99-108, 2009.
- _____. (org.). *I Grundrisse di Karl Marx*. Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica 150 anni dopo. Pisa: Edizioni ETS, 2015.
- NEGRI, Antonio. *Marx oltre Marx*. Quaderno di lavoro sui Grundrisse. Milão: Feltrinelli, 1979. [Ed. bras.: *Marx além de Marx: Ciência da crise e da subversão*. Caderno de trabalho sobre os Grundrisse. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.]
- NETTO, José Paulo. Diffusione e recezione dei Grundrisse nel mondo Brasile e Portogallo. In: MUSTO, Marcello (org.). *I Grundrisse di Karl Marx*. Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica 150 anni dopo. Pisa: Edizioni ETS, 2015. p.431-434.
- PAULA, João Antonio de. *O ensaio geral: Marx e a crítica da economia política (1857-1858)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- QUARTIM DE MORAES, João. Sobre as "origens da dialética do trabalho". *Teoria e Prática*, São Paulo, n.3, p.83-102, 1967.
- _____. A "forma asiática" e o comunismo agrário primitivo. *Crítica Marxista*, Campinas, Unicamp, n.2, p.107-128, 1995.
- RIAZANOV, David. Communication sur l'heritage littéraire de Marx et Engels. *L'Homme et la Société*, Paris, n.7, p.255-268, jan./mar. 1968.
- ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura do Capital de Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SPERL, Richard. Gli estratti di Marx sulla formazione del mercato mondiale, sul processo di globalizzazione e sulle forme di società precapitalistiche fino al 1857. In: *Pagine*

- inattuati crisi e critica in Karl Marx*. Dialettica, economia politica e storia. Salerno: Edizioni Arcoiris, 2016.
- TOSEL, André. Diffusione e recezione dei Grundrisse nel mondo Francia. In: MUSTO, Marcello (org.). *I Grundrisse di Karl Marx*. Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica 150 anni dopo. Pisa: Edizioni ETS, 2015.
- VAISMAN, Ester. O significado dos Grundrisse e a filosofia. In: PAULA, João Antonio de. *O ensaio geral: Marx e a crítica da economia política (1857-1858)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.73-86.
- VASINA, Ljudmila J. "Diffusione e recezione dei Grundrisse nel mondo. Russia e Unione Sovietica". In: MUSTO, Marcello (org.). *I Grundrisse di Karl Marx*. Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica 150 anni dopo. Pisa: Edizioni ETS, 2015. p.319-335.
- ZELENÝ, Jindřich. *La estructura lógica de "El capital" de Marx*. Barcelona: Grijalbo, 1974.
- _____. *Dialéctica y conocimiento*. Madri: Cátedra, 1982.

Resumo

Partindo da história das edições dos *Grundrisse*, estas anotações expõem os problemas da relação lógico-histórica entre os pressupostos da gênese do capitalismo, que fazem parte dos pressupostos históricos de sua formação e as condições de sua reprodução, integrantes do sistema efetivo do modo de produção dominado pelo capital.

Palavras-chave: pressuposto, método, ponto de partida, condições históricas.

Abstract

Starting from the history of the editions of the *Grundrisse*, this notes expose the problems of the logical and historical relationship between the presuppositions of the capitalism's genesis that are part of the historical assumptions of its formation and the conditions of its reproduction, that are part of the effective system of a production mode dominated by capital.

Keywords: presupposition, method, starting point, historical assumptions.